ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO DA CULTURA VISUAL: UM LEVANTAMENTO DE PESQUISAS SOBRE FOTOGRAFIA ARTESANAL COMO FERRAMENTA ESTÉTICO-PEDAGÓGICA

Izabel Marluce Silva Lemos[1]
Daniela Nery Bracchi[2]

INTRODUÇÃO

As imagens compõem nosso cotidiano, sejam elas digitais ou não, estão por toda parte, mas principalmente nas telas, como os celulares que estão sempre ao alcance das nossas mãos. Um reflexo dessa exposição ocorre com as crianças e jovens, sendo expostos às telas desde muito cedo, seja como espectadores, seja como sujeitos da própria imagem exibida. Diante desse excesso de informação visual que recebemos diariamente e que molda constantemente nossas percepções, torna-se essencial questionar: que narrativas essas imagens contam? E quais elas deixam de contar?

Esse contexto é agravado quando se pensa na operação dos processos de ensino-aprendizagem. Nesse cenário, é fundamental pensar numa educação que ensine os discentes a lerem imagens, interpretá-las, pensar criticamente sobre elas e produzir suas próprias narrativas visuais. Para isso, é necessária uma educação que leve em conta a formação estética dos discentes e docentes, ou seja, que se utilize de ferramentas artísticas nas práticas pedagógicas como esse instrumento que estimula a emancipação dos sujeitos.

Dentre as maneiras de realizar práticas pedagógicas a partir das artes, a fotografia artesanal pode ser uma das alternativas, e é nela que este trabalho pretende focar. Entende-se como fotografia artesanal, os processos históricos de revelação fotográfica artesanal descobertos durante o século XIX, como, por exemplo, a cianotipia e a antotipia. Por serem processos antigos e em desuso devido ao avanço tecnológico,

[1]Mestranda do Curso de Educação Contemporânea (PPGEduc) pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), izabel.lemos@ufpe.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.
[2]Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA); Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de São Paulo (USP), daniela.bracchi@ufpe.br.

ISSN: 2358-8829

ensiná-los é também uma maneira de resgate, preservação e ressignificação desses conhecimentos.

Usar os processos históricos artesanais nas práticas educativas contribui para ancorar o aluno na tarefa presente, compele uma desaceleração (já que os processos não são imediatos, possuem longo tempo de construção e revelação das imagens), gera diálogos ao longo das atividades, e também produz sentidos a partir dos aspectos estéticos, químicos e plásticos que podem agregar de uma maneira ativa nas produções visuais. Dessa forma, a fotografia artesanal une o visual com o material, é uma ferramenta que gera experiência e que contribui na expressividade para uma formação estética.

Diante da relevância pedagógica e estética dos processos históricos de revelação (a fotográfica artesanal), torna-se essencial avaliar o panorama das pesquisas que abordam esse tema no contexto educacional. Para isso, o objetivo desta pesquisa foi compreender melhor o campo de conhecimento sobre fotografia artesanal como ferramenta estético-pedagógica, por meio de um levantamento de pesquisas a partir de um recorte de 5 anos (2020-2025) por dissertações e teses no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (OasisBR). Pretendeu-se com base na bibliografia e levantamento realizado, mapear as pesquisas que já existem a respeito do tema, para colaborar acerca do avanço do campo, identificando as lacunas existentes e contribuindo para futuras investigações.

A partir dos resultados objetivos no levantamento de pesquisas, percebeu-se que a fotografia é utilizada nas pesquisas mais como um instrumento, recurso ou fonte de estudos. Já o uso da fotografia artesanal é algo ainda difícil de ser encontrado, tendo sido identificado apenas um trabalho acadêmico na base da CAPES. Era uma pesquisa que de fato utiliza um processo histórico de revelação como instrumento educativo. Com isso, concluiu-se que a fotografia artesanal configura-se como uma ferramenta de grande potencial a ser utilizada na educação, porém ainda não tem ganhado espaço e visibilidade em pesquisas educacionais e carece de mais investigações, pois é terreno fértil para práticas pedagógicas que estimulem a autonomia, a sensibilidade e o pensamento crítico, elementos fundamentais para uma educação da cultura visual, formadora de sujeitos autônomos.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A partir da discussão teórica abordada na seção anterior, a pesquisa realizada se ancora nos estudos da cultura visual. A metodologia consiste em um levantamento de pesquisas de dissertações e teses, realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (OasisBR), dentro de um recorte temporal de 5 anos, de 2020 a 2025. Para isso, foi feita uma busca nos repositórios inicialmente a partir dos descritores “educação” e “fotografia”.

Os trabalhos coletados foram cotejados criticamente com os autores e conceitos mobilizados por meio do método bibliográfico, de modo a compreender como os processos históricos de revelação estão sendo mobilizados enquanto meio para práticas educacionais emancipatórias no contexto da formação estética dos sujeitos.

Para compreender melhor os trabalhos acadêmicos discutidos, fazem-se presentes três conceitos: visualidade como ato social (a compreensão de que a percepção é moldada por construções históricas, discursivas e corporais, indo além da simples operação física da visão), conforme Crary (2012) e Mirzoeff (2016); políticas do olhar (os modos como o ato de ver nos conforma e regula identidades), conforme Mirzoeff (2016) e Hernandez (2011); revelação fotográfica como tecnologia cultural de educação (o processo técnico como meio de compreensão das formas pelas quais as representações visuais moldam identidades, relações de poder e visões de mundo), conforme Rancière (2012), Freire (1996), Ormezzano (2007) e Larrosa (2002).

REFERENCIAL TEÓRICO

Com a modernidade, o olhar passou a ser cada vez mais disciplinado e normalizado pelas novas tecnologias. Hoje essa realidade é ainda mais inflamada, visto que os dispositivos que temos ao nosso alcance nos condicionam cada vez mais ao consumo irrefreável das imagens que constantemente disputam pela nossa atenção. Como discute Jonathan Crary (2012, p. 32), nesse cenário onde a atenção é tão disputada, o espectador pode se tornar um mero "observador", passivo ante aos estímulos exteriores, refreado de agir.

ISSN: 2358-8829

Essas imagens que emergem ao nosso olhar e imaginário não são propriamente diversas ou democráticas, na verdade, elas ganham visibilidade porque detêm poder, contribuindo para reforçar uma narrativa dominante que perpetua as desigualdades. O conceito de visualidade apresentado por Nicholas Mirzoeff (2016) é definido como "visualização da história", isto é, como o modo pelo qual a autoridade torna perceptíveis os processos históricos. Essa estrutura consolidou um modo de ver e representar o mundo que reforçou estereótipos e homogeneizou narrativas.

Essa engrenagem histórica remonta às origens da própria modernidade visual, pois, como Crary reitera,

> A padronização das imagens visuais no século XIX não deve ser vista simplesmente como parte das novas formas de reprodutibilidade técnica, mas em relação a um processo mais amplo de normatização e sujeição do observador (Crary, 2012, p. 25-26).

Neste sentido, a fotografia mesmo já nascendo em uma posição de tecnologia imperial, propagando e normalizando narrativas hegemônicas imperialistas, têm igual potencial para ser utilizada enquanto instrumento reparador, assumindo um papel questionador perante a visualidade. É o que Mirzoeff (2016, p. 749) chama de contravisualidade, ou o "direito a olhar", que reivindica autonomia em relação à autoridade da visualidade. Afinal é preciso questionar os discursos que as imagens propagam, bem como desconstruí-las a partir da produção de outras imagens, pois aquilo que não é mostrado acaba presumido como inexistente, por isso, incentivar a produção de narrativas visuais é um gesto contra-hegemônico.

Assim, a cultura visual é um campo que busca compreender as posições subjetivas que as imagens produzem, ou seja, os efeitos que elas causam nos sujeitos que as visualizam (Hernández, 2011). Aquilo que vemos e pelo qual somos vistos, afeta nossa percepção, nossa relação com o mundo e com nós mesmos, pois "as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos" (Hernández 2011, p. 33). Dessa maneira, ter uma compreensão crítica das imagens, bem como democratizar a produção de narrativas é fundamental para uma formação de sujeitos emancipados.

É importante que estes sujeitos sejam educados desde a escola a não serem observadores passivos diante da avalanche de estímulos visuais que se deparam

ISSN: 2358-8829

cotidianamente. Para reverter esta passividade se faz imprescindível um espaço para a educação da cultura visual, capaz de instrumentalizar educadores e educandos para uma leitura crítica do mundo imagem. Estimular o pensamento crítico e a produção de imagens de diferentes modos por meio de uma educação da cultura visual é, portanto, educar sujeitos emancipados, pois "uma comunidade emancipada é uma comunidade de narradores e tradutores" (Rancière, 2012, p. 25).

A emancipação é entendida aqui a partir da definição de Jacques Rancière: "embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham, entre indivíduos e membros de um corpo coletivo" (2012, p. 23). De modo consoante, Paulo Freire (1996) nos ensina que o aprendizado para a formação de sujeitos emancipados é uma troca mútua entre educando e educador, e se dá por meio da experiência educativa, pautada na criação de possibilidade para que o aprendizado seja construído. Para aproximar-se dessa emancipação de sujeitos e comunidades em um ambiente educativo são necessárias práticas que valorizem a multidimensionalidade humana e criem experiências que atravessam os indivíduos e que são atravessadas por eles.

Desse modo, a formação estética de docentes e discentes é um caminho pertinente, já que se compõe justamente dessa valorização da multidimensionalidade humana e do incentivo a autoria, capacitando-os a criar suas próprias narrativas, em vez de estarem na condição de receptores passivos (Ormezzano, 2007). As práticas pedagógicas que buscam trabalhar as sensibilidades, criatividade e a percepção, oferecem ferramentas e experiências, para desenvolver senso crítico e expressividade, consequentemente contribuindo para a emancipação.

A experiência é muito importante no processo educativo dos sujeitos e compõe uma formação estética. Experiência vai além de estar presente, pois envolve desacelerar, cultivar a atenção, a escuta e a delicadeza, atravessar e ser atravessado (Larrosa, 2002). Assim, algo experienciado torna-se significativo, pois marca o sujeito e o transforma.

É precisamente neste contexto que a fotografia artesanal se revela uma ferramenta pedagógica na formação estética. Essas técnicas fotográficas artesanais possibilitam o fazer manual que, na contramão da passividade apontada por Crary, traz a atenção do sujeito de volta ao presente. No processo artesanal, é preciso estar atento, interagir com a matéria, pensar, trocar e expressar-se. A fotografia artesanal, ao unir técnica, manualidade, lentidão e diálogo, oferece um caminho de expressão sensível capaz de aproximar educadores e educandos de suas histórias, subjetividades e vivências. Por

ISSN: 2358-8829

isso, ela é aqui colocada como uma ferramenta que promove a materialidade da imagem, a experimentação, a experiência, o diálogo e a construção de uma visualidade plural.

A união da instrumentalização da fotografia artesanal na formação estética, portanto, é um campo fértil para o exercício do "direito a olhar", possibilitando que educadores estimulem seus educandos a romper com os padrões homogêneos, promovam olhares plurais e sensíveis a partir de suas próprias realidades, e desenvolvam autonomia para a produção de narrativas próprias.

No ambiente educativo, novas formas de produzir imagens expandem as possibilidades de aprendizagem, uma vez que estimulam a experimentação por meio da experiência de produzir manualmente e de construir narrativas próprias. Nesse sentido, a fotografia artesanal, como recurso pedagógico, contribui não apenas como uma nova forma de se expressar, mas também possibilita ao sujeito a troca de experiências com os outros em meio ao seu processo criativo, através do diálogo e do fazer artístico. Assim, a fotografia artesanal não se limita a uma prática estética, mas se configura como um exercício formativo que estimula a sensibilidade, a autonomia e a singularidade do educando.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com esta pesquisa buscamos compreender qual a situação atual dentro do campo de pesquisas acerca de práticas que estimulem estudantes a serem sujeitos emancipados, autores de suas próprias narrativas, e críticos perante a visualidade que os cerca. De maneira específica, buscamos por pesquisas que investiguem a utilização da fotografia, especialmente a artesanal, como ferramenta educativa.

Seguindo o caminho metodológico, realizamos as buscas nas bases de dados de teses e dissertações da CAPES e OasisBR[3] com os descritores "educação" e "fotografia", chegando a um resultado inicial de 175 e 85 trabalhos, respectivamente. Além dos descritores utilizados, foram filtrados os resultados a partir de um recorte temporal de 5 anos (2020-2025), de programas de pós-graduação em educação, e de trabalhos com a área do conhecimento e concentração em educação.

[3]O Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto, chamado de OasisBR, é um mecanismo de busca multidisciplinar criado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

ISSN: 2358-8829

A partir do resultado inicial, examinamos os trabalhos a partir do título e resumo e chegamos a um resultado de 12 trabalhos na CAPES e 7 no OasisBR. A seleção contou com trabalhos que possuem foco em trabalhar a fotografia como ferramenta educativa, e não somente como instrumento ou recurso de pesquisa, ou fonte de pesquisa, como foi encontrado na maioria dos trabalhos. Por fim, esses trabalhos foram examinados num segundo momento a partir da leitura não somente do título, resumo e palavras-chave, como também da introdução, visando filtrar especificamente pesquisas sobre a fotografia artesanal como ferramenta educativa. Esta fase resultou em somente 1 resultado que corresponde a uma dissertação na base de dados da CAPES e nenhuma no OasisBR.

O trabalho encontrado se trata da dissertação de mestrado intitulada *Biopoética do Infravisual: experimentar uma escrileitura fotográfica na educação*, de Lygia Stephanny Gomes da Silva (2020). Neste estudo, a autora propõe-se a bioexperimentar uma escrita fotográfica na Educação, falando sobre suas experimentações por meio de uma docência fotográfica no exercício da docência-pesquisa. A pesquisa apresenta uma proposta pedagógica que transforma a sala de aula num espaço criativo de ateliê. Nele, a utilização prática da fotografia, especialmente a experimental na qual ela utiliza a cianotipia e da escrita literária, permite desconstruir o real e reinventar o ensino por meio de vivências sensoriais.

Os outros trabalhos encontrados articulam a fotografia, as narrativas visuais e as imagens, de modo geral, junto à educação. Na base de dados das Teses e Dissertações da CAPES, alguns dos encontrados foram: a dissertação *Micronarrativas Visuais: possibilidades de olhar-dizer em educação e arte*, de Tanise Reginato (2020); a tese *Ensino de Fotografia na Formação Inicial de Professores de Arte: Uma Proposta de Integração Entre Técnica, Tecnologias, Repertório e Expressã*o, de Maria Lucila Horn (2021); e, a dissertação *Fotografia expandida e educação estética: Alteridade e processos dialógicos na esfera da arte na educaçã*o, de Fransue Ribeiro (2023). Na base de dados do OasisBR, alguns dos encontrados foram: a dissertação *No rastro da memória: fotografia e pedagogia da imagem*, de Thalia Ferreira Silva (2022); e a tese *Foto Bianchi: a prática fotográfica e a educação pelo olhar (Ponta Grossa/PR, 1913-1943)*, de Audrey Franciny Barbosa (2025).

Assim, a partir dos resultados obtidos e da análise articulada com o referencial teórico-metodológico, constatou-se que o uso da fotografia artesanal como prática

ISSN: 2358-8829

estético-pedagógica constitui um campo ainda pouco explorado no cenário acadêmico nos últimos cinco anos. Identificou-se que a fotografia é frequentemente mobilizada na pesquisa educacional como recurso de registro, fonte documental ou suporte de análise, enquanto sua utilização como ferramenta de formação estética permanece escassa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto de saturação imagética, no qual o observador é frequentemente condicionado ao consumo passivo de imagens, fomentar investigações que proponham alternativas de ação são necessárias. A fotografia artesanal, ao exigir desaceleração, manualidade, diálogo e interação sensível com a matéria, apresenta-se como um contraponto necessário aos processos hegemônicos de visualidade. Essa abordagem não apenas desafia a lógica do olhar imediato, mas também expande as fronteiras do que compreendemos por formação.

Dessa maneira, ressaltamos a importância das artes, estética e sensibilidades, que são muitas vezes negligenciadas e subestimadas no espaço educativo, mas que são tão importantes quanto no processo formativo dos sujeitos. Aqui discutimos uma das possibilidades do potencial educativo de uma educação por meio da fotografia artesanal, mas que pode e deve também ser explorada a partir de outras ferramentas artísticas. Neste mundo de constante desmaterialização e racionalização, a arte é o que nos conecta com nossas subjetividades, que nos permite expressá-las e que nos estimula a criatividade.

Quando os educandos aprendem a ver de fato a si e o mundo, se tornam sujeitos que defendem seus direitos e seus espaços, que ousam imaginar/reimaginar e criar uma realidade melhor. As ferramentas artísticas, como a fotografia artesanal, podem e devem ser utilizadas não somente em disciplinas de artes, mas também aliadas a outras disciplinas para favorecer um aprendizado que valorize as subjetividades. É nesse sentido que esta pesquisa se encaminhou nos estudos da educação da cultura visual, pois por meio dela é possível compreender posições discursivas, relações de poder e as potencialidades subjetivas nas visualidades.

Assim, ressalta-se a formação estética como um meio para trabalhar práticas pedagógicas que trazem a experiência como parte fundamental da aprendizagem. A

experiência não se trata apenas da presença dos sujeitos nas atividades, mas de se ancorar ao presente, é o momento em que o sujeito é transformado e também transforma, sendo afetado e afetando. São essas atividades, pautadas na vivência e na sensibilidade, que tornam a formação estética um meio para práticas educativas emancipadoras, fundamentando a necessidade de maior atenção acadêmica sobre o tema.

Conclui-se, portanto, que este mapeamento cumpre o objetivo, evidenciando a escassez de estudos na área, ao mesmo tempo, em que reforça a urgência de novas investigações. A fotografia artesanal, longe de ser apenas um resgate, mostra-se como um terreno fértil para práticas pedagógicas que estimulem a autonomia, a sensibilidade e o pensamento crítico, elementos fundamentais para uma educação da cultura visual que busca a emancipação dos sujeitos e a construção de narrativas plurais.

Palavras-chave: Educação; Cultura Visual; Levantamento de pesquisas; Processos históricos de revelação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Audrey Franciny. **Foto Bianchi**: a prática fotográfica e a educação pelo olhar (Ponta Grossa/PR, 1913-1943). 2025. 312 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2025. Disponível em: https://ri.uepg.br/items/78f99983-bb45-4fa0-8f16-d8cfcf81ae76 . Acesso em 21 jul. 2026.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Tradução de Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2011, p. 31 - 49.

HORN, Maria Lucila. **Ensino de fotografia na formação inicial de professores de arte**: Uma proposta de integração entre técnica, tecnologias, repertório e expressão.

2021. 201 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis, 2021. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11029309. Acesso em: 21 jul. 2026.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. [online], n.19, pp.20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003. Acesso em: 06 mar. 2026.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **ETD-Educação Temática Digital**, [S.l.], v. 18, n. 4, p. 745–768, 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472. Acesso em: 02 mar. 2026.

ORMEZZANO, Graciela. **Debate sobre abordagens e perspectivas da educação estética**. Em Aberto, Brasília: INEP, v. 21, n. 77, p. 15-38, jun. 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

REGINATO, Tanise. **Micronarrativas Visuais**: possibilidades de olhar-imaginar em educação e arte. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2020. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14057676 . Acesso em: 21 jul. 2026.

RIBEIRO, Fransue. **Fotografia expandida e educação estética**: Alteridade e processos dialógicos na esfera da arte na educação. 2023. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13842139 . Acesso em: 20 jul. 2026.

SILVA, Lygia Stephanny Gomes da. **Biopoética do Infravisual**: experimentar uma escrileitura fotográfica na educação. 2020. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10303497 . Acesso em: 20 jul. 2026.

SILVA, Thalia Ferreira. **No rastro da memória**: fotografia e pedagogia da imagem. 2022. 73 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufla.br/items/c02bf8dd-f02e-4bfe-8009-46a575165451 . Acesso em: 21 jul. 2026.